

O Nó(s) que Nunca Desata: o Fio de Ariadne e o Labirinto do Autoconhecimento em *Dark*

The Knot that Never Unties Ariadne's Thread and the Maze of Self-Knowledge in the Dark Series

El Nudo que Nunca Se Desata: El Hilo de Ariadne y el Laberinto del Autoconocimiento en la Serie Dark

Marcos de Camargo Von Zuben¹
Stamberg José da Silva Júnior²

Resumo

Analisa as referências implícitas e/ou explícitas existentes na narrativa de ficção seriada *Dark* (2017, 2019, 2020) à mitologia grega clássica, mais especificamente ao mito do herói Teseu, o embate com o Minotauro, a entrada no labirinto e aquilo que ficou conhecido como o “fio de Ariadne”. Discutimos a produção original de maior sucesso da *Netflix* a partir de uma chave imagético-discursiva, que visa a dialogar com autores da psicologia, antropologia, filosofia, literatura, entre outros. Os resultados apontam para uma reconstrução da narrativa mítica, na série, a partir de elementos imagéticos, sonoros e discursivos presentes nos espaços diegético e extradiegético da trama.

Palavras-chave: Mito. Autoconhecimento. Ariadne. Teseu. Minotauro. *Dark*.

Abstract

Analyzes the implicit and / or explicit references existing in the serial fiction narrative *Dark* (2017, 2019, 2020) to classical Greek mythology, more specifically to the myth of the hero Theseus, the clash with the Minotaur, the entrance into the labyrinth and what it became known as the “Ariadne's thread”. We discussed *Netflix's* most successful original production based on an image-discursive key, which aims to dialogue with authors from psychology, anthropology, philosophy, literature, among others. The results point to a reconstruction of the mythical narrative, in the series, based on imagery, sound and discursive elements present in the plot's diegetic and extradiegetic spaces.

Keywords: Myth. Self knowledge. Ariadne. Theseus. Minotaur. *Dark*.

Resumen

¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Caicó, Rio Grande do Norte, Brasil, marcoszuben@uern.br.

² Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Caicó, Rio Grande do Norte, Brasil, stambergjunior@gmail.com.

Analiza las referencias implícitas y / o explícitas existentes en la narrativa de ficción serial *Dark* (2017, 2019, 2020) a la mitología griega clásica, más concretamente al mito del héroe Teseo, el choque con el Minotauro, la entrada al laberinto y lo que se conoció como el "hilo de Ariadna". Hablamos de la producción original más exitosa de Netflix basada en una clave imagen-discursiva, que pretende dialogar con autores desde la psicología, la antropología, la filosofía, la literatura, entre otros. Los resultados apuntan a una reconstrucción de la narrativa mítica, en la serie, a partir de la imaginaria, el sonido y los elementos discursivos presentes en los espacios diegéticos y extradiegéticos de la trama

Palabras clave: Mito. Conocimiento de sí mismo. Ariana. Teseo. Minotauro. *Dark*.

INTRODUÇÃO

Estamos conectados em um nó que nunca desata. As nossas relações, por mais complexas, paradoxais, contraditórias e ambíguas que possam ser – e ainda que se desfaçam, – não podem ser apagadas. O real é um dado que se constrói nas relações. Embora sujeitos dotados de certa autonomia e individualidade, somos constituídos por meio de/e com o outro. Há um fio invisível que nos une. O labirinto dentro de nós, guiados por esse fio, leva-nos até nós mesmos.

O âmago, o centro, a origem: só podemos lutar contra o Minotauro – a força instintiva, avassaladora e animalesca em nós – quando guiados pelo fio. Entrar no labirinto desprovido disso é vagar pelo escuro desprovido de luz: isso é o que nos mostra o mito de Teseu e Ariadne; essa também é a narrativa de Jonas e Martha, na série *Dark*.

O mito é recriado e ganha uma nova versão na complexidade das três temporadas da trama. A produção da *Netflix* trata, sobretudo, do herói (e também da heroína) em sua relação com o simbólico e o imaginário. Trata das perdas, dos medos, do luto, da morte, do tempo, do amor, do desejo, da existência ou ausência de livre-arbítrio, dos destinos, das mudanças que não conseguimos suportar.

Aborda um sonho antigo do homem: a reconstrução do passado, a viagem no tempo e a busca teleológica por um paraíso em que a dor inexista. Até onde iríamos para fazer desaparecer o momento exato em que a nossa vida começou a ruir? Conseguimos discernir que momento seria esse? Viajar no tempo mudaria o curso das coisas? Temos um destino ou podemos, minimamente, escolher nossas ações? Como adentrar no labirinto que constitui ontologicamente o ser humano em sua jornada? “Quanta é a verdade que um espírito suporta, quanta é a verdade que ele ousa?” (NIETZSCHE, 2019, p. 17), questionaria Nietzsche em seu autobiográfico *Ecce Homo*.

Por que, mesmo nos dias atuais, os temas míticos e narrativas antigas permanecem

vivos ainda que se agreguem e entrem em combinação com novas formas de engajar o homem em sua própria história? Segundo o filósofo Balandier (1999, p. 37), “[...] o mito ainda fala. [...] Joga luz sobre um mundo onde a desordem parece dissolver a ordem, onde a complexidade crescente desencoraja qualquer emprego de uma lógica coerente, onde os sinais estão confusos e onde o homem busca signos que possam demarcar seu trajeto”.

Oriundos de uma origem coletiva e muitas vezes anônima, os mitos não se cristalizam em uma versão definitiva. “Eles são uma tradição viva, em permanente transformação. E, para fazê-los viver, é preciso contá-los sempre de novo, adaptá-los aos novos tempos, redescobrimo seu encanto e sua capacidade de refletir os conflitos e as aspirações humanas” (HARTMANN, 2006, p. 120).

Assim como Fernando Pessoa (1934), entendemos aqui que “o mito é o nada que é tudo. O mesmo sol que abre os céus é um mito brilhante e mudo – o corpo morto de Deus, vivo e desnudo” (PESSOA, 1934, p. 24). Compreendendo, então, que na mitologia “o problema do herói consiste em penetrar em si mesmo (e, por conseguinte, penetrar no seu mundo) precisamente através desse ponto; em abalar e aniquilar esse nó essencial de sua limitada existência” (CAMPBELL, 1997, p. 67), é que pretendemos investigar de que forma o mito que envolve Teseu, o Minotauro, Ariadne e o Labirinto está presente no roteiro de *Dark*.

Analizamos, exploratoriamente, alguns trechos das três temporadas (2017, 2019, 2020) da série, buscando localizar elementos narrativos, imagéticos e sonoros presentes nos espaços diegético e extradiegético da trama que correspondessem ao mito supracitado. No processo de decupagem e análise fílmica, consideramos uma hermenêutica que inter-relaciona a mitologia, a narrativa de ficção seriada e a interpretação mítica/psíquica/filosófica de pensadores do tema.

Considerada, em 2020, como a melhor produção original de todos os tempos da *Netflix*, *Dark* foi eleita em votação popular com 80% dos cerca de 2,5 milhões de votos pelo site de referência em audiovisual, o *Rotten Tomatoes*. A trama, que ganhou o prêmio *Grimme-Pries*, o mais importante da televisão alemã, segue com nota 8,8 no IMDb, banco de dados considerado como de grande influência no mundo do audiovisual.

O sucesso da complexidade narrativa da série pode estar associado a inúmeros fatores: estrutura não linear; gênero da ficção científica, mistério e suspense; sofisticação do enredo, trilha sonora, fotografia e argumento; além das diversas referências a filósofos, cientistas e pensadores da cultura ocidental. Outro ponto a ser destacado é a relação da série com temas inerentes à condição humana em suas mais diversas facetas, inclusive a religiosa, a simbólica e a mítica.

Embora tenha alcance de nível global, a série ainda não está presente de forma incisiva nos debates acadêmicos. No mundo, encontramos apenas o artigo do professor equatoriano Lenin Paredes (2019), que aponta para a concepção de tempo cíclico do ponto de vista da ficção científica que *Dark* traz no roteiro. No Brasil, a pesquisa do docente Herom Vargas (2019) e de Angela Miguel Corrêa (2019) demonstra as alterações na estrutura da narrativa televisual que *Dark* apresenta. A docente Sandra Trabucco (2018), em artigo, mostra a relação que a série faz a partir das releituras de fatos reais, como o desastre de Chernobyl. Buscamos, assim, ampliar e contribuir para a pesquisa sobre essa narrativa de tamanho impacto do ponto de vista da recepção.

Sintomas do nosso tempo (JOST, 2012, p. 69), as séries tornaram-se parte do cotidiano dos indivíduos que têm acesso às plataformas de streaming, como a *Netflix*. O desenvolvimento das narrativas contemporâneas pode estar associado à emergência das circunstâncias sociais, culturais e econômicas da pós-modernidade, marcada por um processo disruptivo na constituição ontológica do sujeito, que passa a possuir relativa autonomia e possibilidades de escolhas, inclusive na de mergulhar nas novas formas de assistir a produção audiovisual.

Segundo Azubel (2018), as séries se alimentam de um imaginário transcultural, possuindo uma universalidade antropológica e um realismo emocional que aproximam o espectador. Dois dos mais importantes aspectos que revelam a essência dessas narrativas seriam, justamente, “o eterno vir a ser (barroquização da narrativa, abertura, resistência ao desfecho, potencialidade infinita) e o *patchwork* de que se alimentam (influências literárias, cinematográficas, artísticas, históricas, etc.)” (AZUBEL, 2018 p.17). Embora, muitas vezes, associadas ao entretenimento e à diversão, é possível extrair conceitos e conhecimento a partir do argumento criativo, do enredo e do roteiro dessas narrativas, já que são influenciadas por linguagens intertextuais que atravessam múltiplos campos de investigação.

Buscamos, assim, adentrar no labirinto dessa narrativa tendo como aporte o fio de Ariadne, que nos guiará até o objetivo do mito: conhecer um pouco de nós mesmos e do mundo por meio da narrativa e do imaginário, afinal, “[...] entre as coisas que podem levar um pensador ao desespero figura o reconhecimento de que o ilógico é necessário para os homens e que do ilógico surge muita coisa boa. [...] Somente seres por demais ingênuos podem acreditar que a natureza humana poderia ser transformada numa natureza puramente lógica” (NIETZSCHE, 2018, p. 46).

2 O HERÓI EM SUA JORNADA: O PRINCÍPE TESEU

O mito de Teseu e Ariadne figura-se como um dos mais antigos da cultura ocidental. É uma narrativa de caráter simbólico com múltiplas interpretações, estando relacionada às duas grandes potências do mundo antigo: a pólis Atenas (da qual Teseu é oriundo) e a ilha de Creta (onde nascem Ariadne e seu meio-irmão, o Minotauro).

Como não existe um texto grego que seja a única fonte escrita do mito de Ariadne, suas releituras ao longo da história da arte e da literatura se baseiam muitas vezes em obras de filósofos, como Plutarco (455-400 a.C.), e em relatos romanos, como o dos poetas Catulo (87-54 a. C) e Ovídio (43-17 a.C). Sabemos que os romanos, depois de dominarem a Grécia no ano de 146 a.C., se apropriaram da cultura, dos mitos e das divindades gregas. Assim, a primeira releitura do mito de Ariadne foi feita pela poesia dos clássicos latinos. O sofrimento de Ariadne, abandonada por seu amado Teseu, foi dramatizado pelos poetas latinos e se tornou fonte de inspiração para muitos artistas que admiraram a arte e a poesia do período romano. (HARTMANN, 2006, p. 125).

Conta-se que Egeu, quando casou com a jovem Etra, planejava ter um filho para quem deixaria como herança o trono de Atenas. No entanto, por mais que tentasse, não conseguia realizar o que desejava. Frustrado, foi consultar o oráculo do deus Apolo, em Delfos. Egeu recebeu a seguinte mensagem da pitonisa: “Rei dos povos, não desamarre o odre até chegar à acrópole”. Como não havia entendido aquele mistério, o rei foi ao encontro de Medeia, em Corinto. Considerada a maior feiticeira daqueles tempos, ela desvendou a previsão concluindo que Egeu não poderia gerar filhos.

O sogro do rei, Piteu, o sábio ancião, decifrou o enigma délfico de outra forma, afirmando que Egeu teria sim um herdeiro cujos feitos se perpetuariam por séculos e cujo nome seria o maior herói de Atenas. O governante jamais soube, mas Medeia estava certa sobre a infertilidade do rei: o filho que sua esposa dera à luz, o herói Teseu, foi concebido numa cópula entre Etra e Poseidon, o grande deus dos mares. O garoto, “belo como um deus e forte como um titã” (STEPHANIDES, 2015, p. 73), cresceu em Trezena, longe do pai. Sob os cuidados da mãe e do sábio avô, Teseu “se distinguia pela esperteza e energia” (STEPHANIDES, 2015, p. 68).

Os anos se passaram e Teseu completou dezesseis anos. Então sua mãe o conduziu até a rocha: “Debaixo desta pedra – ela lhe disse – há uma espada e um par de sandálias. Foi Egeu, seu pai e rei de Atenas, quem os colocou aí. Agora você deve mover a rocha e apanhá-los. Deve calçar as sandálias, pôr a espada à cintura e se dirigir a Atenas para se apresentar a seu pai. Ele saberá quem você é por causa desses sinais.” Teseu, que tinha uma força imensa nos braços, com facilidade pegou as sandálias e as calçou. Depois de colocar a espada à cinta, olhou a mãe com um orgulho tímido. (STEPHANIDES, 2015, p. 69).

Assim, Teseu seguiu a trajetória de Trezena até Atenas. No caminho, enfrentou

malfeitores, ladrões, bandidos. Teve a oportunidade de ser gentil, bondoso e humilde – embora, simultaneamente, tenha tido destreza e coragem para matar os inimigos que encontrara. De modo que, ao chegar a Atenas, sua fama de forte e corajoso já se espalhara. O encontro com o pai revelou o orgulho do rei de Atenas pelas ações do herdeiro, que acabou por enfrentar outros desafios para defender o reino e as cidades circunvizinhas.

Anos antes da chegada do herói à capital do império, porém, Egeu conclamou a diversos competidores para participar das disputas atléticas que promoveria na cidade. No entanto, uma tragédia ocorrida nos jogos com Androgeu, filho de Minos, rei de Creta, acarretaria em um castigo para Atenas e seus cidadãos.

Androgeu era um atleta notável. Ele ganhou todos os prêmios, e os outros concorrentes, com inveja, fizeram-lhe uma armadilha e o mataram. Minos acusou Egeu de não ter protegido seu hóspede e de talvez estar na origem do complô que lhe custou a vida. Ele então pediu a Zeus, seu pai, que vingasse a morte de Androgeu mandando a peste e a fome para Atenas. Depois partiu em guerra contra a cidade. Os atenienses, debilitados pela fome e dizimados pela doença, não ofereceram ao rei de Creta mais que uma fraca resistência. Minos estabeleceu assim suas condições para a paz: os atenienses lhe enviariam, durante nove anos, para as festas do equinócio de outono, sete rapazes e sete moças. Esses jovens, todos recém-saídos da infância e escolhidos entre os mais belos da cidade, seriam entregues ao Minotauro. Do contrário, ele arrasaria Atenas. (HARTMANN, 2006, p. 24-25)

Ao tomar conhecimento do acordo entre os reinos, Teseu decide pôr fim ao tributo imposto por Minos. Elabora um plano: juntar-se aos jovens que seriam sacrificados em Creta e eliminar o Minotauro no labirinto, trazendo, enfim, a paz aos cidadãos atenienses. Sua empreitada, porém, não seria fácil. O herói receberia uma ajuda que mudaria o curso de sua história.

3 O MINOTAURO, DÉDALO E O LABIRINTO

Anos antes, do outro lado do mar, na ilha de Creta, o rei Minos havia contraído uma dívida com Poseidon e deveria sacrificar um touro em sua honra, mas não encontrava qualquer animal forte e bonito o bastante para entregar ao deus dos mares. Um dia, porém, capturou um touro tão belo que não teve coragem de matá-lo, sacrificando outro animal em seu lugar.

O deus dos mares, encolerizado e impedido de atacar Minos diretamente – já que o rei era filho de Zeus – enfeitiçou Pasífae, a rainha, e a fez se apaixonar pelo famoso touro. Nesse momento, Dédalo chega à ilha para se pôr a serviço de Minos. “Ele já era muito renomado na época e se mostrou sensível à dor da minha pobre rainha: fabricou uma vaca falsa, no interior da qual introduziu Pasífae. O arquiteto usara de tanta habilidade que mesmo o touro se

enganou.” (HARTMANN, 2006, p.18). Foi assim que Pasífae concebeu o Minotauro, um ser com corpo humano e cabeça de touro. O “monstro” havia nascido fora da cópula real, portanto, sendo filho ilegítimo. Antropófago e simbolizando a tiranização daquilo que há de mais animalesco no homem em suas pulsões e paixões, a besta causava medo aos cretenses.

Minos, então, pede que Dédalo construa um ambiente que pudesse abrigar o Minotauro: assim é criado o labirinto. Fruto de longa reflexão de Dédalo, o labirinto foi concebido para que ninguém, uma vez dentro dele, possa encontrar a saída. “É um emaranhado de corredores e salas de todos os tamanhos! E pior: ele é mutante! [...] Ele muda de forma! Dédalo concebeu assim o Labirinto, animando-o com um mecanismo que faz dele uma espécie de organismo vivo, imprevisível. Ninguém jamais saiu de lá” (HARTMANN, 2006, p. 62).

Arquitetado de tal maneira, os movimentos da construção provocavam violentas correntes de ar, de modo que empurrava quem estivesse lá dentro até o Minotauro. Dédalo era um ateniense da família real de Cécrope, “o protótipo do artista universal, simultaneamente arquiteto, escultor e inventor de recursos mecânicos” (STEPHANIDES, 2015, p. 89). O artista havia se refugiado em Creta por ter lançado o primo Talos do alto da acrópole pelo fato de sentir-se enciumado de suas invenções.

Condenado ao exílio, refugiou-se junto ao rei de Creta, Minos, que o fez executar inúmeras obras, entre as quais o imenso e labiríntico palácio o Labirinto. Minos, para impedir que Dédalo revelasse sua arte em outras partes, reteve-o e a seu filho, Ícaro, na ilha. Para escaparem, Dédalo construiu um par de asas para cada um; depois, pai e filho elevaram-se nos ares a fugir. As asas de Ícaro derreteram quando ele se aproximou do sol; o jovem caiu no mar e afogou-se. Dédalo chegou são e salvo a Cumas e consagrou a Apolo seu par de asas. (STEPHANIDES, 2015, p. 89)

O arquétipo do arquiteto-inventor também está presente nas entrelinhas da série *Dark*, ali representado pelo cientista-relojeiro H.G.Tanhaus, que, assim como Dédalo, perde o filho em um acidente. A perda e a dor de H.G.Tanhaus é a origem de todo o entrelaçamento presente na narrativa. Abordaremos essa temática mais adiante.

4 UM ENCONTRO, O ENLACE: A PRINCESA ARIADNE E O DESENLACE NO ABANDONO

Ao sair de Atenas com os outros jovens enviados ao sacrifício, Teseu, “o herói hábil em decifrar enigmas, frequentar o labirinto e vencer o touro” (DELEUZE, 1997, p. 28), recebe um aviso de seu pai: quando retornasse, hasteasse bandeiras brancas no navio, para indicar que estava são e salvo. A embarcação havia partido com bandeiras negras hasteadas, afirmando o luto da capital grega. Ao desembarcarem na ilha de Creta, os 14 jovens

atenienses são expostos em praça pública, na frente da corte real. Minos, Pasífae e suas duas filhas, Ariadne e Fedra, acompanhavam a recepção dos condenados.

Ao avistar, dentre eles, o jovem Teseu, Ariadne se encantara: seu coração pareceu receber a flecha do mais audacioso dos filhos de Afrodite, o Eros. Apaixonada e compadecida com a sorte que o destino reservara ao rapaz, Ariadne decide ajudá-lo. Enquanto os jovens são levados ao cativeiro, antes de entrarem diretamente no labirinto, a princesa vai ao encontro de Dédalo e pede que este a auxilie na empreitada que acabara de tramar: retirar seu amado Teseu das garras do labirinto e do Minotauro. “Dédalo lhe deu simplesmente um rolo de fio de linho, que o herói visitante deveria prender à entrada e ir desenrolando à medida que entrasse no labirinto” (CAMPBELL, 1997, p.15).

Assim, Ariadne vai ao encontro de Teseu. Surpreso, mas acreditando estar sendo ajudado pelos deuses, Teseu agradece à princesa e afirma fazer conforme o combinado: sairia do labirinto e fugiria de Creta levando Ariadne junto consigo. Ao entrar no labirinto na noite do sacrifício, Teseu, guiado pelo fio de Ariadne, luta contra o Minotauro e dilacera o “monstro”. Retorna do labirinto e foge de Creta com Ariadne e os outros jovens. Entretanto, no caminho, a embarcação para na ilha de Dia, antes de chegar a Atenas. Enquanto dormia, Ariadne é abandonada por Teseu no local.

Não se sabe ao certo por qual motivo o herói assim o fez: algumas versões contam que o jovem atendeu a um chamado do deus Dioniso, que se enamorara de Ariadne e desposaria a jovem; algumas indicam que Teseu havia sido influenciado pelos outros tripulantes, que pretendendo evitar uma guerra entre Atenas e Creta, convencem o rapaz a abandonar a princesa.

Todas, porém, afirmam que a filha de Minos foi deixada na ilha. “Perto do rio, a princesa desfez-se em lágrimas. Ora ela batia na areia com os punhos gritando, ora, bestificada, deixava escorrer as lágrimas pelo rosto, de olhos arregalados, ora ficava prostrada, o corpo todo sacudido por soluços, encolhida sobre si mesma” (HARTMANN, 2006, p. 103).

O lamento de Ariadne e o fio que conduziu o herói ao seu destino é, assim, tema das mais diversas interpretações, como já mencionamos no início deste trabalho. Essa temática também está presente na série *Dark*.

5 H.G.TANHAUS: O DÉDALO INVENTOR DE MUNDOS

Se, em *Dark*, “o começo é o fim e o fim é o começo” (DARK, 2019), frase que a série ressalta em diversos momentos – tanto na fala do narrador quanto na dos personagens –,

iniciaremos nossa análise pela terceira e última temporada. Nela, o espectador fica ciente sobre a origem que leva ao entrelaçamento da trágica sina dos personagens da cidade de *Winden*. No “mundo de origem”, em 1986, H.G.Tanhaus perde o filho, a nora e a neta (a pequena Charlotte, que ainda era um bebê) em um acidente de carro. Inconformado pelo que acontecera e, sentindo-se culpado – já que brigara com o filho antes do acontecimento –, Tanhaus passa a usar todos os seus esforços para construir uma máquina do tempo.

O intuito do relojoeiro-cientista é voltar no tempo para salvar a vida dos seus familiares e assim estancar sua gigantesca ferida. No momento que apresenta o inventor construindo seu aparato, no sétimo capítulo da terceira temporada, o narrador discorre:

É difícil para as pessoas aceitarem a morte. Elas se apegam a coisas que aconteceram há muito tempo. Anseiam em vão por uma maneira de fazer o tempo voltar. Uma maneira de reverter a morte. Mas, se o tempo é relativo e nada realmente está no passado, e a sobreposição simultânea de realidades diferentes é possível, então também não deveria ser possível recuperar algo que acreditamos estar morto há muito tempo e criar uma realidade na qual os mortos voltam à vida? Se nossa vida é definida como o período que está entre o nascimento e a morte, então ela existe infinitamente. Poderíamos vencer a morte encontrando uma maneira de trazer de volta à vida? Lá, no entretanto? O destino faz um jogo perverso conosco, mas sempre acreditamos que há uma maneira de usá-lo a nosso favor, se desejamos o suficiente. O homem é capaz de perseguir um objetivo, por mais que pareça inalcançável ao longo de toda a sua vida. Nenhuma resistência, nenhum obstáculo é grande o bastante para impedir o seu desejo. Não seria essa persistência em nossa busca o que nos diferencia do animal, que conhece apenas o desejo a curto prazo? E todo o progresso, em todas as épocas, não se deve a esse insaciável ato de desejo? Não importa o que mova o nosso desejo, ele nos guiará em nosso caminho. Apenas conseguimos esquecer de fato quando finalmente alcançarmos nosso objetivo. (DARK, 2020).

Assim como Dédalo, que também é um inventor, Tanhaus usa de suas habilidades e do seu desejo mais profundo para perseguir seu objetivo de salvar o descendente. No caso do mito, em que o construtor ateniense encontra-se preso no labirinto com o filho Ícaro (já após Teseu e Ariadne saírem da ilha de Creta), Dédalo cria asas – a partir das penas dos pássaros que sobrevoavam a região – para que ele e seu herdeiro pudessem fugir do rei Minos.

O artista exorta o filho para que, enquanto voassem, não subisse muito alto, pois as asas poderiam queimar: conselho que o filho desobedece e acaba morrendo. Da mesma forma, podemos comparar essa narrativa com a de H.G.Tanhaus, que também exorta seu filho para que não saísse na tempestade, mas este desobedece e o acidente é gerado.

Figura 1 – H.G.Tanhaus exorta o filho a não sair na tempestade



Fonte: Dark (2020), Temporada 3, episódio 8.

Durante toda a trama, mas principalmente nas duas primeiras temporadas, Tanhaus, que passa a imagem de alguém que está sempre consertando, estudando ou inventando coisas, é usado pelos protagonistas para construir máquinas do tempo, tanto no “mundo de Jonas”, como no “mundo de Martha”. Ao tentar reverter a morte de seu filho, H.G.Tanhaus acaba sendo o responsável por cindir o “mundo de origem” em dois: o mundo da Martha (Ariadne) e o do Jonas (Teseu), criando assim uma dualidade labiríntica que só será destruída com a dissolução dos universos criados. Para conseguir tal feito, os protagonistas de ambos os mundos terão de impedir a morte do descendente do inventor. O arquétipo do inventor Dédalo pode estar relacionado com o de Tanhaus, já que ambos procuram no pensamento um modo de encontrar a verdade das coisas, conforme Campbell (1997):

Durante séculos, Dédalo representou o tipo do artista-cientista: aquele fenômeno humano, curiosamente desinteressado e quase diabólico, que está além das fronteiras normais do julgamento social, dedicado à moral da sua arte, e não à moral do seu tempo. Ele é o herói do caminho do pensamento de bom coração, dotado de coragem e cheio de fé no fato de que a verdade, tal como ele a conhece, nos libertará. (CAMPBELL, 1997, p. 16)

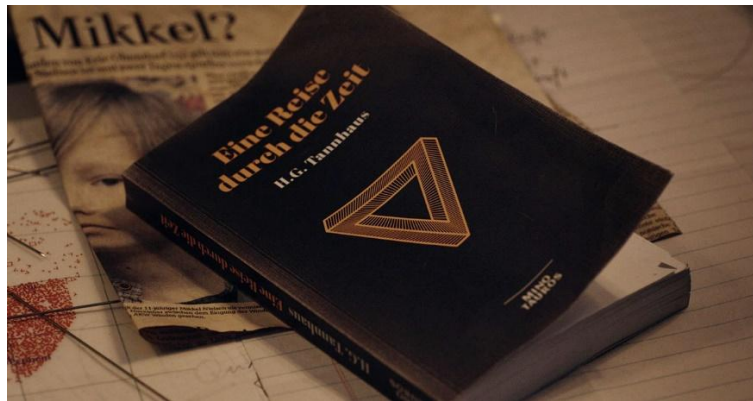
Outra semelhança alegórica que poderíamos apontar entre ambos é a escrita de um livro, na série, atribuído ao H.G.Tanhaus. O texto, intitulado “Uma jornada através do Tempo”, é publicado pela editora “Mino Taurus”, e serve como guia para que os personagens possam compreender a força desgovernada, irreversível e caótica que o Tempo é, ou pelo menos, como se mostra na série.

Figura 2 – H.G.Tanhaus cria a máquina do tempo que cinde o mundo em dois



Fonte: Dark (2020), Temporada 3, episódio 6.

Figura 3 – Livro atribuído a H.G.Tanhaus editado pela “Mino Taurus”



Fonte: Dark (2017), Temporada 1, episódio 4.

Assim como no mito, em que Dédalo oferece a Ariadne o novelo de lã para que esta possa entregar ao herói Teseu e fazer com que este mate o Minotauro e saia do labirinto em segurança, na série, o livro pode representar esse novelo, esse nó que servirá como fio para que Jonas encontre o caminho de si mesmo.

6 MICHAEL E EGEU: OS PAIS SUICIDAS

Nos capítulos iniciais da primeira temporada, Jonas (Louis Hofmann), o protagonista, é apresentado como um jovem de 16 anos (mesma idade do herói Teseu quando enfrenta o Minotauro), que sofre com o suicídio do pai. A dor da transitoriedade da vida em seu curso põe o adolescente à mercê de medicação psiquiátrica para tentar superar a primeira perda que ocorreria em sua existência.

Segundo Jung (2011), esse ritual de passagem que marca a transição de uma fase para outra – no caso de Jonas, da infância para a adolescência – está relacionado com o florescer

de uma consciência autônoma em ascensão.

O curso natural da vida exige antes de mais nada do jovem o sacrifício de sua infância e sua dependência infantil em relação aos pais verdadeiros, para que não fique ligado a eles pelo laço do incesto inconsciente, prejudicial para o corpo e para a alma. [...] Com a separação das fronteiras da infância, almeja-se uma consciência autônoma. (JUNG, 2011, p. 34)

É importante apontar que na narrativa mítica, Egeu, o pai de Teseu, também se suicida. Em ambos os casos, o filho é responsável direta ou indiretamente pela morte trágica do genitor. No mito, após voltar vitorioso de Creta, Teseu esquece de hastear as bandeiras brancas, deixando as bandeiras negras na embarcação (o que significaria que o navio voltara em luto por sua morte). Ao avistar o barco ao longe, o rei de Atenas lança-se do alto de um precipício, morrendo de forma abrupta. “Perdido, Egeu olhou mais uma vez o pano negro que lhe dilacerava o peito e, não podendo mais suportar, atirou-se da alta rocha no mar espumante” (STEPHANIDES, 2015, p. 95).

Figura 4 – O suicídio de Michael



Fonte: *Dark* (2017), Temporada 1, episódio 1.

Em *Dark*, inconformado pelo óbito de Michael, Jonas entra na caverna que dá acesso às viagens no tempo e volta ao dia em que o pai falecera. Ao tentar persuadir o genitor a desistir da ideia suicida, Jonas descobre que Michael não pensara em fazê-lo, mas que o faria para que as coisas seguissem seu rumo, garantindo a existência do filho. Assim, Michael, com vestes negras, enforca-se em seu ateliê. Jonas não suporta o nó de todas as revelações que recebera: Michael é, na verdade, Mikkel, amigo do herói que é levado pelo próprio Jonas, de 2019 para 1986, com o intuito de que Mikkel se tornasse Michael, seu pai, o que deixaria o ciclo inalterado. Mikkel é irmão de Martha, garota por quem Jonas era apaixonado e com quem havia tido relações sexuais no último verão. Martha agora era sua tia.

7 JONAS: O TESEU DESPEDAÇADO EM SUA CAVERNA LABIRÍNTICA

No quarto episódio da primeira temporada, o narrador discursa, com imagens do protagonista na caverna, sobre o fio de Ariadne e a busca do ser humano em encontrar um sentido:

Procuramos o fio de Ariadne para nos guiar pelo caminho certo. Uma luz na escuridão. Adoraríamos saber nosso destino, para onde nos leva. Mas a verdade é que existe apenas um caminho por toda a eternidade, predeterminado pelo começo e pelo fim, que também é o começo. (DARK, 2017)

Ao ter acesso ao mapa das cavernas de *Winden*, no episódio “Mentiras”, na primeira temporada, Jonas fica atônito ao perceber que lá está escrito em caneta vermelha: “Siga o sinal”. Ao entrar na caverna, o herói descobre que o sinal é um fio, “vermelho como sangue”, que o leva direto ao túnel onde terá acesso ao passado e ao futuro de si e de seus familiares. O escrito havia sido feito pelo próprio Jonas, só que mais velho.

Figura 5 – O fio vermelho encontrado por Jonas



Fonte: Dark (2017), Temporada 1, episódio 5.

Figura 6 – Jonas segue o sinal



Fonte: Dark (2017), Temporada 1, episódio 5.

Enquanto mostra Jonas tendo acesso ao seu labirinto, a série apresenta, simultaneamente, Martha (Lisa Viccari) encenando Ariadne em uma peça teatral para a escola, no quarto episódio da primeira temporada. Abordaremos esse tema mais adiante; ressaltamos apenas para conectarmos a estreita ligação entre o mito e a série. A caverna, que poderíamos associar ao labirinto, é parte da trajetória do herói, pois segundo o psicólogo jünguiano Lutz Müller (2017), a luta do herói leva-o a penetrar em esferas desconhecidas e estranhas. “Pode tratar-se de um lugar secreto, de difícil acesso, onde atua um poder sinistro e ameaçador, por exemplo, um monstro semelhante ao dragão, um inimigo perigoso ou então a morte” (MÜLLER, 2017, p. 17). Para o autor,

Neste encontro com o nosso mundo subterrâneo inconsciente, somos ameaçados por dores e sofrimentos, pela experiência do próprio vazio e da falta de sentido, do desamparo e da dependência infantil, mas também pela vivência da destruição e da agressão quase indominável. Aí corre o sangue; aí somos despedaçados e esquartejados; aí somos seduzidos e violentados; aí praticam-se incestos; aí se come e se defeca; aí emergem lembranças insuportavelmente vergonhosas; nos envergonhamos da nossa própria presunção e vaidade, da nossa própria pequenez e fraqueza. [...] Esses aspectos escuros e assustadores do nosso ser – os “guardiões do limiar” – intimidam a maioria das pessoas no caminho em direção a si mesmos. (MÜLLER, 2017, p. 115)

Ao entrar, alegoricamente, dentro de si, o herói busca o mesmo que muitos homens: voltar atrás, voltar ao passado, fazer diferente, não errar. Tenta voltar no tempo para mudar o curso dos acontecimentos, para arrancar as dores que a morte e a destruição trouxeram ao seu mundo. Segundo a psicanalista Maria Rita Kehl (2015, p. 310), “Há eventos que não se consegue esquecer; outros não devem ser esquecidos”. Sendo assim, que destino dar à memória que é tão pungente em Jonas? “Trabalhar a memória é transformar seus resíduos, de modo que eles se incorporem aos termos da vida presente sem que precisem ser recalçados. É o trabalho da memória que permite o verdadeiro esquecimento” (KEHL, 2015, p. 311). Vencer o Minotauro (ou assimilá-lo em si) seria, para Jonas, redimir-se da esterilidade gerada a partir da sua resposta ao que a vida trouxe de destrutivo para o herói: abraçar a sua própria sombra.

Desde épocas remotas, admiramos no touro a sua vitalidade selvagem e indomável, a sua potência e o seu ímpeto procriador, e tememos a sua agressividade massacrante. Por essas razões, ele foi considerado em épocas antigas o grande fecundador e portador da força vital, comparado ao estrondo de uma torrente. Superá-lo significa superar a sua destrutividade, tornando útil para o homem a sua fertilidade. (MÜLLER, 2017, p. 76)

No quarto episódio da primeira temporada, entre os papéis deixados no hotel de Regina pelo Jonas de meia-idade e endereçado ao Jornas adolescente, está uma imagem que

parece fazer alusão ao enfrentamento do Minotauro por Teseu no labirinto.

Figura 7 – Imagem do labirinto entre os papéis do Jonas de meia-idade



Fonte: Dark (2017), Temporada 1, episódio 4.

Para Deleuze (1997), o labirinto nos oferece a possibilidade de dar sentido ao caos do mundo. Segundo o autor, “[...] o labirinto já não é o caminho no qual nos perdemos, porém o caminho que retorna. O labirinto já não é o do conhecimento e da moral, e sim o da vida e do Ser como vivente” (DELEUZE, 1997, p. 30). Esse processo acontece, segundo Campbell (1997) quando o mergulho no inconsciente (que podemos associar ao universo desconhecido da caverna) traz como consequência a destruição do mundo (que a série apresenta como o “apocalipse”) para iluminar, entre luz e sombra, aquilo que escondemos dentro de nós e que nos impede de prosseguir.

O inconsciente envia toda espécie de fantasias, seres estranhos, terrores e imagens ilusórias à mente seja por meio dos sonhos, em plena luz do dia ou nos estados de demência; pois o reino humano abarca, por baixo do solo da pequena habitação, comparativamente corriqueira, que denominamos consciência, insuspeitadas cavernas de Aladim. Nelas há não apenas um tesouro, mas também perigosos gênios: as forças psicológicas inconvenientes ou objeto de nossa resistência, que não pensamos em integrar ou não nos atrevemos a fazê-lo à nossa vida. E essas forças podem permanecer insuspeitadas ou, por outro lado, alguma palavra casual, o odor de uma paisagem, o sabor de uma xícara de chá ou algo que vemos de relance pode tocar uma mola mágica, e eis que perigosos mensageiros começam a aparecer no cérebro. Esses mensageiros são perigosos porque ameaçam as bases seguras sobre as quais construímos nosso próprio ser ou família. Mas eles são, da mesma forma, diabolicamente fascinantes, pois trazem consigo chaves que abrem portas para todo o domínio da aventura, a um só tempo desejada e temida, da descoberta do eu. Destruição do mundo que construímos e no qual vivemos, assim como nossa própria destruição dentro dele; mas, em seguida, uma maravilhosa reconstrução, de uma vida mais segura, límpida, ampla e completamente humana eis o encanto, a promessa e o terror desses perturbadores visitantes noturnos, vindos do reino mitológico que carregamos dentro de nós. (CAMPBELL, 1997, p. 19).

Guiado pelo fio de Ariadne, Jonas, quando se encontrava 66 anos mais velho, chamado

agora por Adam, reflete sobre o sentido das experiências (provas) pelas quais teve que passar para aquisição de nível de consciência. Em conversa com a Martha também mais velha, agora chamada de Eva, o herói discorre no capítulo 8 da terceira temporada:

A vida é um labirinto. Alguns vagam nela até morrer em busca de uma saída. Mas só há um caminho que leva cada vez mais para dentro. Apenas quando se chega ao centro é possível entender. A morte é incompreensível, mas é possível fazer as pazes com ela. Tudo o que nós fizemos será esquecido no final. Nós somos os responsáveis por esse déjà-vu infinito. E somos nós que temos que acabar com ele. Nós somos o erro. Você e eu. Nossos destinos estão conectados em uma maldição eterna, nos dois mundos. Tudo é causa e efeito. Toda dor nos induz a agir, forma nosso desejo. (DARK, 2020).

Um outro aspecto que é relevante salientar, já que em *Dark* “tudo está conectado”, é uma das músicas presentes na trilha sonora quando Jonas entra nas cavernas na terceira temporada. A canção do artista Asaf Avidan, intitulada *The Labyrinth Song* trata justamente do abismo em que se encontra o herói dentro do labirinto de seu interior. Transcrevemos a música em tradução livre do inglês:

A noite chega/ A escuridão ameaça nos afundar/ Mas tem uma Lua lá em cima/Ela brilha e acho que posso ouvir um chamado/ É apenas um sussurro entre as árvores/ Meus ouvidos mal conseguem ouvir/ Mas posso ouvir em meu coração/ Vibrando forte como se ela gritasse/ **Oh Ariadne, estou indo/ Só preciso resolver esse labirinto dentro da minha cabeça/** Eu vim aqui como pediu/ **Eu matei a besta/** Essa parte em mim está morta/ Oh Ariadne, eu só preciso resolver esse labirinto dentro da minha cabeça/ Se apenas eu te escutasse/ **Quando você me ofereceu esse fio/** Tudo está quieto e não tenho tanta certeza/ Se realmente foi a sua voz que eu ouvi/ Ou talvez seja uma porta/ Que está se fechando nas costas de um herói/ Em seu caminho para ser um homem/ Será que todos nós heróis temos um caminho/ Mas não um plano?/ Oh Ariadne, estou indo/ **Só preciso resolver esse labirinto dentro da minha mente/** Eu queria ter uma corda/ **É tão escuro/** Acho que estou ficando cego/ Oh Ariadne, eu só preciso resolver esse labirinto dentro da minha mente/ Pela minha vida/ Não consigo lembrar o que eu vim encontrar/ Agora diga-me princesa, está passeando pelo seu bosque sagrado?/ A Lua ainda brilha?/ Você é a única coisa em que eu estou pensando/ A espada que você me deu era pesada/ Eu só tinha que colocá-la para baixo/ É engraçado quão indefeso eu me sinto aqui/ Quando não há ninguém por perto/ Oh Ariadne, estou indo/ **Só preciso resolver esse labirinto dentro do meu coração/** Eu estava cego/ Pensei que ia me ligar/ Mas você me ofereceu um traço/ **Oh Ariadne, eu só preciso resolver esse labirinto dentro do meu coração/** Se eu soubesse que você poderia me guiar/ Teria te escutado desde o início/ Em algum lugar lá em cima bate meia-noite/ Aço que ouvi a queda/ De pequenas gotas de água/ Magnificado contra a parede estéril/ É mais um sentimento do que uma substância/ Mas não há ninguém ardente/ E quando eu estou aqui sozinho/ É apenas o suficiente para me deixar afogar/ Oh Ariadne, eu estava indo/ Mas falhei com você/ Nesse labirinto do meu passado/ Oh Ariadne, deixa eu cantar pra você/ E vamos fazer durar/ Oh Ariadne, eu falhei com você/ **Nesse labirinto do meu passado/** Oh Ariadne, deixa eu cantar pra você/ E vamos fazer durar (DARK, 2020, grifo nosso).

Se as cavernas estariam associadas ao labirinto interno de Jonas, o que seria o Minotauro? Em um primeiro momento, poderíamos associar o Minotauro ao Tempo: a força

incontrolável com a qual Jonas tenta lutar. No quinto capítulo da segunda temporada, intitulado “Achados e Perdidos”, ao viajar no tempo para o ano de 1921, Jonas encontra o seu eu mais velho, Adam. A profunda reflexão que o personagem traz em seu discurso poderia indicar o Minotauro no interior daquele eu, agora mais maduro:

Adam: O homem vive três vidas. A primeira termina com a perda da ingenuidade. A segunda com a perda da inocência. E a terceira com a perda da própria vida. É inevitável todos passarmos por essas etapas. Você se torna seu eu mais velho e o seu eu mais velho se torna o que está na sua frente agora.

Jonas: Eu não tenho tempo para essa merda toda. Tenho que voltar pra casa, no meu tempo! Eu vi o que vai acontecer. Eu vi o túmulo deles!

Adam: Você ainda tem muito tempo. Estamos em 1921. Tecnicamente você tem 99 anos...

Jonas: Você sabe tudo o que vai acontecer?

Adam: Eu sei quando as guerras começam e acabam, quais descobertas serão feitas nos próximos anos, em quais ações eu deveria investir. Mas não sei o que meu correspondente fará até que eu tenha visto o futuro dele.

Jonas: Mas você conhece o meu futuro. Sabe o que eu vou fazer.

Adam: Eu sou seu futuro.

Jonas: Precisa ter um jeito de mudar isso, para as coisas acontecerem de outra forma.

Adam: Uma brecha. Eu demorei 66 anos para descobrir uma maneira de escapar de todo esse inferno.

Jonas: No futuro, há uma profecia de um mundo novo. O Sic Mundus guiará as pessoas ao paraíso. (Nesse momento, uma ampulheta do tempo é mostrada) É o que vocês são? Uma religião?

Adam: Somos exatamente a antítese disto. **Nós declaramos guerra ao Tempo.** Declaramos guerra a Deus. Estamos criando um novo mundo, sem Deus, sem o Tempo.

Jonas: O que isso significa?

Adam: Significa que o que os homens têm adorado há milênios, o Deus que mantém tudo unido, que esse Deus nada mais é que o próprio Tempo. Não uma entidade que pensa e age. Mas uma lei física, com a qual pode se barganhar tão pouco quanto o próprio destino. Deus é o tempo. **E o Tempo não tem misericórdia.** Nós nascemos e a nossa vida já está correndo, como os grãos nessa ampulheta. A morte está sempre à nossa frente. Nosso destino não é nada além de causa e consequência. Na luz e na sombra. (DARK, 2019, grifos nossos)

Adam, entretanto, parece ter enganado Jonas. A luta contra o Tempo é, na verdade, uma luta contra si mesmo, pois a irreversibilidade e a impossibilidade de controle do Tempo são apresentadas pela narrativa. Um mundo sem Tempo é a morte: a dissolução, o nada. Assim, o Minotauro não é algo exterior ao herói, mas está vivo em seu interior. Na narrativa mítica clássica, na jornada do herói, só existe um personagem: o humano. Para vencer a desordem fora, é preciso vencer a desordem dentro.

O mito do Minotauro fala do processo de transformação do mundo a partir do universo interno do Ser: transformação que vai de encontro à tiranização das dores, dos instintos, dos impulsos, da cólera e das memórias ressentidas no interior de cada humano. A série aponta isso no episódio seguinte da mesma temporada, intitulado “Ciclo sem fim”. Quando viaja ao ano de 2019, para impedir que o pai venha a suicidar-se, Jonas e Michael são surpreendidos

pela Claudia Tiedemann – a ex-chefe da usina nuclear da cidade, que também viaja no tempo para tentar salvar a filha. Segue trecho do diálogo:

Claudia: Eu esperei muito tempo para nos encontrarmos de novo.

Jonas: Quem é você? Está com o Adam?

Claudia: Essa história tem dois lados. Ele é a escuridão. Eu não sigo ele. Eu sigo a luz. Ele mentiu pra você. Ele te trouxe aqui para ter certeza que tudo acontecerá como sempre aconteceu.

Jonas: Não, isso não está certo! Adam também quer isso.

Claudia: Não, ele não quer. Ele não quer consertar as coisas, mas destruí-las para sempre. Seu papel em tudo isso é muito maior do que você pensa. Só você pode pôr um fim em tudo.

Jonas: O que isso quer dizer?

Claudia: **Estamos em guerra e você tem que lutar contra si mesmo.**

Jonas: Mas se eu não existir, se eu não nascer, então o Adam também não pode existir.

Claudia: Eu vi o mundo sem você. Acredite, não é o que você está pensando. [...] Há momentos na vida em que devemos entender que as decisões que tomamos influenciam mais que apenas nossos destinos. Não é apenas sobre você e seu pai. É sobre todo mundo. (DARK, 2019, grifo nosso)

Em negação, Jonas acredita que, matando a si mesmo (algo que ele tenta inúmeras vezes na série), irá fugir ao seu destino, o que não ocorre. Perdido, Jonas passa a seguir as ordens de Claudia, até que, no final da terceira e última temporada, com a ajuda de Martha, consegue a brecha no tempo que tanto esperava e ambos se transformam no que são: poeira de estrelas. A salvação, assim, vem por meio do aniquilamento de ambos.

8 MARTHA: A ARIADNE MELANCÓLICA

O papel de parede do celular de Martha é um pôster da peça *Ariadne* – mesma imagem que está posta em uma das paredes de seu quarto. No capítulo 7 da segunda temporada, a jovem aparece lendo o livro *Ariadne* – que encenará na primeira e na segunda temporada. Enquanto interpreta *Ariadne*, Martha veste um fio vermelho amarrado ao seu vestido.

Figura 8 – Pôster da peça *Ariadne* no celular de Martha



Fonte: Dark (2019), Temporada 2, episódio 4.

Figura 9 – Pôster da peça *Ariadne no quarto de Martha*



Fonte: Dark (2019), Temporada 2, episódio 5.

Antes de adentrarmos na transcrição dos trechos interpretados pela jovem, é relevante ressaltar que ainda no capítulo supracitado, Martha e Jonas tem a sua primeira relação sexual. A adolescente, vestida de branco, transa com o herói enquanto seus pais celebram o aniversário de casamento deles. Isso ocorre no verão, antes que as tragédias que acometeriam a cidade viessem à tona. Com a morte do pai, Jonas passa dois meses em uma clínica psiquiátrica, longe de *Winden* e de Martha. Quando volta, Martha está se relacionando com o seu melhor amigo, Bartosz. Entretanto, Jonas e Martha seguem apaixonados e até se beijam.

Figura 10 – Martha lê a peça *Ariadne*



Fonte: Dark (2019), Temporada 2, episódio 7.

Porém, quando Jonas descobre que ela é sua tia, o jovem se afasta completamente da amante. Sentindo-se culpado pelo incesto e sem saber/poder explicar para Martha (algo que só vai acontecer na segunda temporada), Jonas se distancia dela, dizendo “Não combinamos”. O herói viaja no tempo e acaba preso em 1921, por 33 anos. Enquanto isso, Martha vê sua

família desmoronar com o pai e o irmão desaparecidos. Prestes a encenar a peça, o sofrimento do abandono de Ariadne por Teseu confunde-se com o de Martha em suas dores.

Figura 11 – Martha, de vestido branco e com o fio vermelho, encena Ariadne



Fonte: Dark (2017), Temporada 1, episódio 5.

Figura 12 – Martha, Killian (jovem que encena Teseu na peça) e o fio de Ariadne



Fonte: Dark (2017), Temporada 1, episódio 5.

Abaixo, seguem trechos do discurso do abandono da princesa de Creta encenado no quinto e no sexto episódio da primeira temporada; e que se repete no primeiro episódio da terceira temporada:

Martha/Ariadne: Minha mãe me contou do mundo antigo, antes da enchente. Ela disse que era diferente, mau. Ela fazia tranças e contava histórias de terror do meu pai e dos seres do submundo. Dizia que tudo é perdoado, mas nada é esquecido. Então as pupilas ficavam maiores que o normal e suas palavras pareciam ondas do mar. Dizia que tudo era bom agora, que tudo estava em seu lugar, no ontem e no hoje. Algo acontecia quando ela falava assim. Ela puxava meus cabelos como se quisesse me punir por algo que estava dentro dela. Algo que puxava de dentro, do centro dela, como uma fome insaciável. Ela falava do ontem como se o visse. Como se o hoje só fosse um véu que escondia nas sombras tudo que era real. O mundo

antigo a perseguia como um fantasma, sussurrava em seus sonhos como erguer um mundo novo, pedra por pedra. E assim eu soube que nada muda, que tudo fica como antes, que a roda gira volta após volta. Um destino ligado ao outro. Um fio, vermelho como sangue, que liga todas as nossas ações. Não é possível romper os nós. Apenas cortar. Ele cortou o nosso com uma faca afiada. Mas restou algo que não pode ser cortado. Uma ligação invisível. Há noites em que ele puxa o fio. Então, eu acordo e sei que nada passa, que tudo fica.

Narrador da peça: Vocês a ouviram, a filha de Minos. Acham que a conhecem. “Ela não é boa e bonita?”, dizem. Vocês se deixaram encantar pelas suas palavras, pelo seu olhar meigo. Mas acreditem: qualquer um, filha de rei ou não, tem um pé na sombra e outro na luz.

Martha/Ariadne: Tome isto. Irá guiá-lo. Precisa ir fundo, até o meio. Ele está esperando nas sombras. Metade homem, metade animal. Precisa ser rápido. Acerte o coração dele.

Killian/Teseu: Mas ele não é seu irmão?

Martha/Ariadne: Tanto faz para mim. Este laço que tecemos agora, prometa-me que nunca o romperá.

Killian/Teseu: Prometo.

[...]

Martha/Ariadne (retirando o vestido branco e, agora, com trajes de luto): Só há escuridão ao meu redor. Sombras à espreita... Não como há dias. Meus olhos cegam. O fim está próximo. Assim como ele desceu em seu labirinto, eu agora desço no meu. Agora estou diante de vocês. Não mais filha do rei. Não mais mulher de um homem. Não mais irmã de um irmão. Um fio solto no tempo. Assim morremos todos iguais. Não importa a casa em que nascemos, que roupa usamos, se ficamos pouco ou muito tempo. Sozinha, teço meu destino. Esticando as mãos ou batendo. Nosso fim é o mesmo. Aqueles lá em cima já nos esqueceram, não nos julgam. Na morte, estou sozinha. Meu único juiz, sou eu. (DARK, 2020).

Figura 13 – Martha encena o lamento de Ariadne



Fonte: Dark (2017), Temporada 1, episódio 6.

O fio que une Martha e Jonas, e que é cortado por Adam (quando no final da segunda temporada ele mata a jovem) e pelo próprio Jonas (quando fica preso em 1921), está presente nos sonhos dos adolescentes apaixonados e nos discursos de vários personagens, como no terceiro episódio da terceira temporada:

Eva/Martha interrogando Jonas: Com tudo isso, você nunca se perguntou por que não consegue deixá-la? Sabe que é impossível para vocês. Ainda assim, você não consegue deixá-la. **Um fio invisível que une vocês para sempre.** Adam tentou

cortá-lo, mas é impossível. Você e eu. Preto e branco. Luz e trevas. Estamos ligados um ao outro para sempre nesse déjà-vu que se repete infinitamente. Tudo se repete de novo e de novo até a eternidade, porque nenhum de nós está pronto para esquecer. Eu demorei muito para entender isso: que não dá para deixar seu passado para trás. [...] E assim como você não consegue se desapegar, também me apeguei ao meu passado a vida inteira. (DARK, 2020, grifo nosso)

Figura 14 – A ligação indestrutível entre Adam e Eva



Fonte: Dark (2020), Temporada 3, episódio 8.

Figura 15 – Jornas e Martha transformam-se, juntos, em poeira de estrelas



Fonte: Dark (2020), Temporada 3, episódio 8.

O fio de Ariadne, na série, parece não representar apenas uma ferramenta para se chegar a um objetivo (como geralmente está associado esse termo); também se mostra como uma ligação indestrutível, uma conexão que não pode ser rompida mesmo com a morte. O entrelaçamento imutável dos personagens torna o processo de esquecimento como algo insuperável, já que, ainda que estejam em mundos distintos, a ligação permanece infinita. O fio, as memórias, as lembranças, a conexão: um entrelaçado ao outro, juntos ou separados. Nós enrolados a nós que não desatam.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se, segundo Nietzsche (2013, p. 201), o que torna alguém heroico é “ir ao mesmo tempo na frente de suas maiores dores e de suas maiores esperanças”, o processo de tornar-se quem se é parte sobretudo pelo enfrentamento de Si mesmo. Há séculos construímos narrativas que se reinventam e são contadas de geração em geração de outras formas: o intuito delas talvez seja mostrar a gestação contínua de nós mesmos pela qual precisamos passar.

Em *Dark*, o mito de Teseu e Ariadne – talvez um dos mais antigos de nossa civilização – é recriado no espaço diegético e extradiegético da série e aponta para o mergulho no interior de um labirinto cujo centro só pode ser encontrado por aquele que luta contra o Minotauro. Longe de limitarmos a complexidade da série (que traz referências a uma diversidade de conceitos, mitos, filosofias), analisamos em detalhes as referências à narrativa supracitada, entendendo, assim como Campbell (1997, p. 32) que “a função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás”.

A narrativa de ficção seriada recria o mito a partir de elementos visuais, sonoros, discursivos e constitui-se, no próprio argumento, como uma adaptação contemporânea do mito de Teseu e Ariadne. Nesse sentido, *Dark* se utiliza do imaginário ocidental presente no inconsciente coletivo para reavivar uma narrativa que aponta para estruturas simbólicas que são extemporâneas. A fórmula mítica da jornada do herói continua a ser exitosa entre nós: o sucesso de alcance global de *Dark* e toda a complexidade narrativa reforça a ideia de que o mito parece resistir ao tempo para nos ensinar os caminhos e descaminhos para chegar ao oculto que permanece em nós: a máxima délfica do “conhece-te a ti mesmo” ou a nietzschiana do “torna-te quem tu és” continuam sendo válidas, ainda que algo pareça dizer o contrário. Se “[...] há um percurso, uma ou várias formas que se unem em direção a um destino. E o homem, o ser humano, parece também ter essa rota dentro de si em direção a um sentido [...]” (CUNHA; MIKLOS, 2018, p.73), precisamos encontrar em nossos labirintos aquilo que nos leva a nós mesmos.

REFERÊNCIAS

AZUBEL, Larissa. **Uma série de contos e os contos em série**: o imaginário pós-moderno em Once Upon a Time. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

BALANDIER, Georges. **O dédalo**. Para finalizar o século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 1997.

CUNHA, Renata Barros Carneiro; MIKLOS, Jorge. O homem transbordante nietzschiano e a perspectiva transpessoal. **Revista Comunicação e Informação**, v. 21, n. 2, p. 71-86, jun./set. 2018.

DARK. Direção: Baran bo Odar. Roteiro: Baran bo Odar; Jantje Friese. Produção: Baran bo Odar, Jantje Friese, Wiederman & Berg Filmproduktion, Justyna Musch, Quirin Berg, Max Wiedermann. Alemanha: Netflix, 2017. Streaming, cor. Série, Temporada 1, 10 episódios.

DARK. Direção: Baran bo Odar. Roteiro: Baran bo Odar; Jantje Friese. Produção: Baran bo Odar, Jantje Friese, Wiederman & Berg Filmproduktion, Justyna Musch, Quirin Berg, Max Wiedermann. Alemanha: Netflix, 2019. Streaming, cor. Série, Temporada 2, 8 episódios.

DARK. Direção: Baran bo Odar. Roteiro: Baran bo Odar; Jantje Friese. Produção: Baran bo Odar, Jantje Friese, Wiederman & Berg Filmproduktion, Justyna Musch, Quirin Berg, Max Wiedermann. Alemanha: Netflix, 2020. Streaming, cor. Série, Temporada 3, 8 episódios.

DELEUZE, Gilles. Mistério de Ariadne segundo Nietzsche. *In*: DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

HARTMANN, Marie-Odile. **Ariadne contra o minotauro**. Tradução Verônica Sügger. São Paulo: Edições SM, 2006.

JOST, François. **Do que as séries americanas são sintoma**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da transformação**. *In*: Obras Completas de C. G. Jung, vol. V. Petrópolis: Vozes, 2011.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

MÜLLER, Lutz. **O herói**: a verdadeira jornada do herói e o caminho da individuação. Tradução Erlon José Paschoal. São Paulo: Cultrix, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**. Tradução Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. Tradução Antônio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2018.

PAREDES, Lenin Vladimir. El eterno retorno: análisis de la concepción temporal en la serie Dark de Netflix. **PAAKAT: Revista de tecnologia y sociedad**, v. 9 n.16. Guadalajara. mar. 2019.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1934.

STEPHANIDES, Menelaos. **Teseu, Perseu e outros mitos**. Tradução Janaína Potzmann. São Paulo: Odysseus, 2015.

VALENZUELA, Sandra Trabucco. A fragmentação na série Dark: o ser, o espaço e o tempo. *In*: SILVA, Lourdes Ana Pereira; GUARANHA, Manoel Francisco; BASEIO, Maria Auxiliadora (Org.). **Identidades ficcionais**: narrativas literárias e televisivas. Covilhã: LabCom Comunicação & Artes, 2020, v. 1, p. 149-166.

VARGAS, Herom; CORRÊA, Angela Miguel. Recapitulações na série original Netflix Dark: alterações na estrutura narrativa tradicional televisual. **Revista latinoamericana de la comunicación**, v. 17, p. 246-257, 2019.